

Uso de letras maiúsculas na novela *Statira, e Zoroastes*, de Lucas José d'Alvarenga (1826)  
*Use of capital letters in the novella Statira, and Zoroastes, by Lucas José d'Alvarenga (1826)*

Gracinéa I. Oliveira\*

*Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Belo Horizonte*, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

**Resumo:** Neste artigo, descreveu-se e analisou-se o uso das letras maiúsculas na primeira novela publicada no Brasil – *Statira, e Zoroastes* (1826), de Lucas José d'Alvarenga. Na análise dos dados, utilizou-se a classificação proposta por Meier (1948). Para isso, listou-se, quantificou-se e classificou-se toda ocorrência de letras maiúsculas da novela em duas funções propostas pelo autor: estruturante (relacionada a aspectos visuais e sintáticos) e semântica (relativa a elementos de particularização e de ênfase a determinados campos semânticos). Na primeira, o uso da letra maiúscula foi categórico nos contextos analisados. Na segunda (que inclui as funções individualizadora, hierarquizadora, distintiva), houve oscilações, mas a análise mostrou que o uso da inicial maiúscula não foi aleatório, nem se restringiu à grafia, está relacionado aos grandes temas da novela: política, nobreza, guerra, religião, saber e sentimento. Ou seja, o uso foi, sobretudo, de ordem semântica. Os temas relevantes que perpassam o texto foram grafados com letra inicial maiúscula.

**Palavras-chave:** Escrita. Módulo. Letra maiúscula. *Statira, e Zoroastes*. Século XIX.

**Abstract:** This article aims to describe and analyze the use of capital letters on the first novella published in Brazil – *Statira, and Zoroastes* (1826), written by Lucas José d'Alvarenga. We listed, quantified and ranked every occurrence of capital letters using the functions proposed by Meier (1948): structuring (related to visual and syntactic aspects) and

---

\* Professora e coordenadora do curso de Letras da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Belo Horizonte (FACISABH). E-mail: [gracineaoliveira@hotmail.com](mailto:gracineaoliveira@hotmail.com).

semantics (related to the particularization of some nouns and the emphasis on certain semantic fields). In the structuring function, the use of the capital letter was categorical. However, in the semantic functions (individualizing, hierarchical, and distinctive), there were oscillations, although the analysis showed that the use of the initial capital letter was not random nor restricted to spelling: it relates to the major themes of this novella: politics, nobility, war, knowledge and feeling. Thus, the capital letters were mainly of semantic order, used to cover most of the relevant themes of *Statira, and Zoroastes*.

**Keywords:** Writing. Module. Statira, e Zoroastes. 19<sup>th</sup> Century.

## 1 APRESENTAÇÃO

Neste artigo, objetiva-se descrever e analisar o uso das letras maiúsculas na primeira novela publicada no Brasil – *Statira, e Zoroastes* (1826), de Lucas José d’Alvarenga. O autor, que nasceu em Sabará (MG), em 1768, foi poeta, repentista e romancista. Além disso, desempenhou importantes funções na administração portuguesa: foi promotor em Sabará e governador de Macau, entre 1809 e 1810. Publicou três livros de memórias, em que relata episódios de sua administração em Macau, essa novela e um livro de poesias. Morreu no Rio de Janeiro, em 1831 (Viana, 1943).

A novela é antecedida e sucedida de importantes paratextos, como a dedicatória (à imperatriz Leopoldina), a introdução (em que expõe os motivos que o levaram a escrever o texto, a escolha do gênero, o tema e o público a que se destina), a anedota (vem após a novela, é usada para justificar possíveis erros tipográficos) e a nota do autor (utilizada para evitar cópias fraudulentas), que contribuem para a construção do sentido da obra. A novela conta a história de amor entre Zoroastes e Statira. Embora a temática amorosa seja importante, entre as peripécias dos amantes há incursões discursivas relativas à história, à moral e à política, sendo esta um dos grandes temas do texto, encaixando-se com a concepção horaciana de literatura adotada pelo autor, para quem a novela deveria educar deleitando.

Escrita em diferentes níveis narrativos, nessa novela são narrados os encontros e os desencontros entre Zoroastes, príncipe de um país no Tibete, e Statira, princesa e, posteriormente, rainha da Lícia. A parte mais importante encontra-se no terceiro nível narrativo, em que Zoroastes explica por que o reino da Lícia era governado por mulheres. É nessa

parte que introduz um de seus temas principais: a política. Embora tenha características moralizante e universalista, como as demais obras literárias em prosa dos séculos XVII e XVIII, nesse nível narrativo fica evidente o seu caráter particularista, porque apesar de o governo ficcional ser de um reino antigamente localizado na Ásia Menor, a política representada é a brasileira do início do século XIX (Oliveira, 2016). Contudo, não há apenas representação da situação política, há defesa de um governo constitucionalista, da liberdade de imprensa, da segurança do Estado, da opinião pública, entre outros ideais liberais do século XIX. A introdução desse elemento particularizante – a política brasileira oitocentista – faz da novela um texto de transição entre a prosa moralizante do século XVIII e o romance moderno, que se fixou no Brasil apenas a partir da publicação de *A moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, em 1844 (Oliveira, 2016).

Além dos aspectos relevantes do ponto de vista literário, fatos linguísticos também despertaram a atenção para o texto, como o uso da letra inicial maiúscula em contextos não usuais hoje. Percebeu-se que esse uso, além de excessivo, diverge da norma atual da comunidade lusófona, considerando o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que consta na quinta edição do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa. Por ser abundante e pouco usual para os padrões atuais, levantou-se a hipótese de que o emprego das letras maiúsculas relaciona-se às temáticas mais importantes do texto, especialmente porque se trata de uma obra literária. Outro fator que levou a tal hipótese foi a recorrência, em textos do século XVIII, da escrita de certos substantivos abstratos com iniciais maiúsculas, independentemente de sua posição no período. Isso fez com que Cambraia (2005) inferisse que esse uso revela uma concepção estética, em que os conceitos expressos pelo substantivo sofressem uma espécie de animização.

Para essa análise, fez-se uma breve revisão de parte da bibliografia já publicada sobre o assunto e adotou-se a classificação de Meier (1948) para o estudo dos dados. Para isso, listou-se, quantificou-se e classificou-se toda ocorrência de letras maiúsculas na novela. Espera-se, com este estudo, contribuir para melhor conhecimento do uso das letras maiúsculas no século XIX.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

O uso do módulo maiúsculo já foi objeto de estudo de alguns pesquisadores. Houaiss (1967) afirma que o uso da maiúscula na língua portuguesa sempre flutuou entre o excesso e a extrema limitação. De acordo com o autor, o uso da maiúscula como realce já era perceptível em épocas mais remotas:

O emprêgo das maiúsculas como realce material para caracterizar nomes próprios ou noções eminentes é já encontrável na tradição alexandrina – e de certo modo, num remoto passado anterior, desde o realce material dos cartuchos, que na escrita hieroglífica egípcia foram os predecessores dêsse emprêgo – para caracterizar um emprêgo foneticizante dos caracteres ideografantes [...]. Sem rigorosa observância, a norma alexandrina foi seguida na Idade Média e no Renascimento tomou feição quase definitiva, perdurando até hoje. Os códices medievais iluminados, requintando o desenho das letras capitulares, foram estendendo êsse realce, em dimensões menores, para as subcapitulares – e porque nem sempre paragrafavam – para as letras paragraficas, realce que, também, apresentava, às vezes, iguais desenhos e floreios para as iniciais de nomes próprios (Houaiss, 1967, p. 100).

Ainda segundo Houaiss, o uso de maiúscula foi sistematizado diferentemente em línguas ocidentais diversas, havendo dois extremos: “a do alemão, que adotou as maiúsculas para todos os substantivos, comuns ou próprios, e o da maioria das outras línguas, que as adotam aparentemente para os nomes próprios apenas.” (1967, p. 100). Ele identificou três casos de emprego de maiúscula:

- a) Emprego situacional na cadeia escrita: nesse grupo estão os casos que independem do significante ou do significado. Engloba: 1) o início dos escritos; 2) depois de alguns sinais de pontuação; 3) no início dos versos; 4) nas intervenções do discurso direto.
- b) Emprego convencional para fins científicos, técnicos e afins. Nesse grupo, estão os seguintes casos: 1) classificação científica, em zoologia, botânica, antropologia; 2) reduções de vária natureza; 3) normas bibliográficas e tipográficas.
- c) Emprego notacional: engloba os casos do uso de maiúscula nos nomes próprios e afins.

O autor também estudou o uso de maiúsculas em vários casos da Onomástica: antropônimos, astrônimos, bibliônimos, cronônimos, heortônimos, etc.

Cambraia (2005), por sua vez, analisou o emprego do módulo maiúsculo. Ele afirma que, especialmente em textos manuscritos, há dificuldades na diferenciação entre maiúsculas e minúsculas. Nos manuscritos do período medieval, de acordo o autor, o uso da pontuação era restrito. Além disso, a ausência ou a presença de maiúscula era um dos critérios utilizados para determinar o limite de uma frase.

Nos séculos seguintes, sobretudo no XVIII, o uso da inicial maiúscula aumentou, e seu emprego não ficou restrito apenas à marcação do período. Levando isso em conta, Rosiello (1966 *apud* Cambraia, 2005) propôs o estabelecimento de diferença entre *alógrafos denotativos* e *conotativos*:

[o]s primeiros são aqueles cujo elemento de variação relativo à unidade (o grafema) não acrescenta nem valor atribuível de relevância cultural ou estilística ao significado da própria unidade, enquanto os segundos são aqueles em que há a atribuição de relevância cultural, estilística, de gosto literário ou de caracterização regional (2005, p. 117).

Entende-se que o uso conotativo prevaleceu no século XIX, o que pode ser percebido na grafia de “Oceano” – os poetas oitocentistas, ocasionalmente, grafavam-na com inicial maiúscula, porque se referia a um elemento grandioso da natureza (a própria palavra “Natureza” era grafada com inicial maiúscula) que impressionava pela imponência. Como exemplo, pode-se citar o poeta Gonçalves de Magalhães. Na segunda edição de seu livro *Suspiros poéticos e saudades* (1859), revista por ele, a letra inicial de “oceano” foi alterada para maiúscula, fato que permaneceu na terceira edição (1865).

Meier (1948) também pesquisou o uso das letras maiúsculas. Para ele, é mais que um problema ortográfico: é também um problema semântico. Segundo o autor, para muitos pesquisadores, a importância da maiúscula restringe-se a sinal fonético em grafias antigas e cita como exemplo a edição do *Cantar de mio Cid*, feita por Menéndez Pidal. Comenta também a edição da *História de menina e moça*, feita por Grokenberger, em que o “A” equivale a “à”<sup>1</sup>. Mas nos sistemas modernos, segundo Meier,

1 Em relação a essa afirmativa de Meier (1948), é mister ressaltar que o sinal de crase não indica diferença de pronúncia, então, não é de diferença de pronúncia que se tratava.

foneticamente, a contribuição da maiúscula é nula, já que não há diferença de pronúncia quando se escreve uma palavra com letra maiúscula ou minúscula.

Contudo, verificou-se que, em manuscritos modernos, o caractere maiúsculo pode, algumas vezes, ter valor fonético, como é perceptível no excerto seguinte, retirado de um inventário do século XVIII, lavrado na então Capitania de Minas: “aonde / faleseo JoãoHenriques homem branco / epor faleser ab(e)ntes tado foj aReca / dado osSeosbens por este jui(s)o deau / (Z)entes” (Oliveira, 2010, p. 385). Neste caso, o “R” da palavra “aRecadado” representa um dos sons do “R forte” do português, atualmente representado na escrita, nesse contexto, por “rr”.

No entanto, para Meier (1948), a maiúscula tem outras funções além da fonética: a primeira é denominada *estruturante*, que se subdivide em *estruturante visual* e *estruturante sintático e métrico*; a segunda função, intitulada *individualizadora*; a terceira, *hierarquizadora*, e a última, *distintiva*. As três últimas podem ser chamadas de funções semânticas. Veja-se a classificação condensada no Organograma 1:

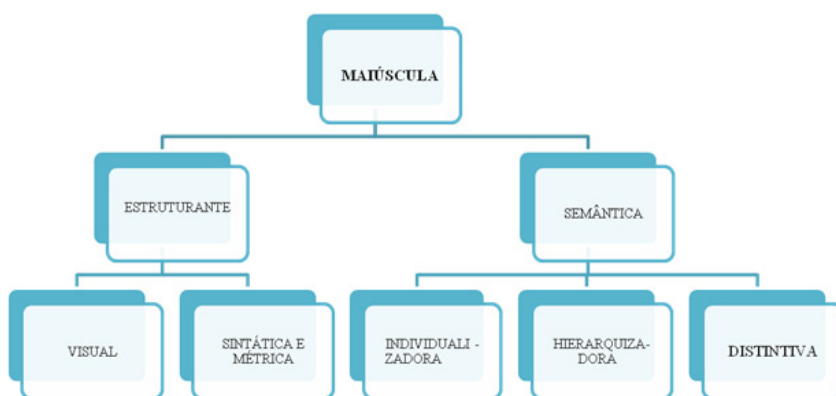


Figura 1 – Classificação do uso das maiúsculas. Elaborado a partir da classificação de Meier (1948)

A partir dessa classificação, foram analisadas as funções da maiúscula na novela. Para tanto, agruparam-se as palavras escritas com letra maiúscula em onomásticos, segundo a classificação de Houaiss (1967) e, também, em campos semânticos, entendidos como

[...] associação de um conjunto de termos lexicais (campo léxico) a um conceito particular (campo onomasiológico). Por exemplo, o campo semântico dos sentimentos corresponderá ao campo onomasiológico “sentimento”. O campo lexical compreende as palavras *amor, ódio, indignação, adoração, admiração, desprezo, piedade* (Niklas-Salminen, 1997, p. 40, tradução nossa<sup>2</sup>).

Em síntese, um campo semântico é a união de um campo lexical a um onomasiológico.

### 3 O USO DAS LETRAS MAIÚSCULAS NA NOVELA *STATIRA, E ZOROASTES*

#### 3.1 A maiúscula estruturante

O módulo estruturante divide-se em visual e sintático-métrico. O primeiro é muito cultivado na publicidade, domínio discursivo em que há grande liberdade no uso dos módulos, para chamar a atenção do leitor. Sendo assim, o maiúsculo pode apoderar-se de textos inteiros, como em cartazes, cartões, letreiros, etc. (Meier, 1948). No caso da obra em estudo, sua função é visual no título do livro, *STATIRA, E ZOROASTES*, nos títulos das partes, *INTRODUÇÃO; STATIRA, E ZOROASTES; ANECDOTA e ERRATA*, na folha de rosto e no texto da Errata. Na folha de rosto, apenas o poema da epígrafe não está impresso em módulo maiúsculo. Nesse caso, em meio a tantas maiúsculas, o que chama a atenção são esses versos escritos em letra minúscula, excetuando-se a primeira letra das palavras que iniciam os versos primeiro, terceiro e quarto:

Não importa, quando deva florescer,  
ou fructificar a verdade.  
O que importa, é semear, e plantar.  
Um dia, ou outro alguém aproveitará (Alvarenga, 1826).

2 Do original: “[...] l association d’un ensemble de termes du lexique (champ lexical) à une notion particulière (champ notionnel). Par exemple, le champ sémantique des sentiments fera correspondre au champ notionnel ‘sentiment’ le champ lexical comprenant les mots amour, haine, indignation, adoration, admiration, mépris, pitié.”

Na Errata, as letras maiúsculas também foram usadas como estruturante visual para indicar páginas, linhas e capítulos.

O outro módulo estruturante é o sintático-métrico. Segundo o autor, com a pontuação, a maiúscula tenta reproduzir e sugerir a pausa entre as frases e a entoação. No texto da novela, como é de norma, e era já naquele tempo, é sempre usada a maiúscula após o ponto final: “A Filosofia veio em meu socorro. Ela abriu-me os olhos da razão e do entendimento” (Alvarenga, 1826, p. 46). Ela também é usada categoricamente após reticências, ponto de interrogação e ponto de exclamação, como mostram os seguintes excertos:

Seria porventura justo, que aquela, que tem preservado as vossas liberdades; só ela fosse a escrava? Seria acaso glorioso para uma Nação generosa, que aquela mesma, que tem constantemente trabalhado e exposto a sua vida para a vossa felicidade, só ela fosse a infeliz? (Alvarenga, 1826, p. 43).

Tendo-me dado a educação mais cuidadosa, tinha posto em mim todas as esperanças para a velhice! Eu ingrato a tantos benefícios, fui a causa... Sim; mas causa inocente da sua morte (p. 46).

De acordo com Meier (1948), nas obras poéticas, a maiúscula geralmente marca o início de cada verso ou de cada estrofe. Nos versos que aparecem no livro, ela também é usada como estruturante no seu início, exceto na epígrafe:

Filha do Céu, Amizade,  
Tu mereces meus Louvores;  
Tu és bela, és doce, és terna;  
Mas não és, como os Amores (Alvarenga, 1826).

### 3.2 As funções semânticas da maiúscula

Segundo Meier (1948), a maiúscula também exerce função semântica. Embora muito importante, como qualquer fato semântico, “apresenta uma série de dificuldades, oriundas em última análise da ignorância relativa em que nos encontramos dos fenômenos semânticos em geral (digo ‘ignorância relativa’ considerando a comparação com a sintaxe, a fonologia etc.)” (Perini, 2005, p. 43).



Um dado que ilustra essa afirmativa é o uso da maiúscula na função de estruturante sintático e métrico ter sido categórico na novela, ou seja, nas condições mencionadas anteriormente, sempre foi usada a inicial maiúscula. Entretanto, como será visto a seguir, nas funções semânticas, houve muitas oscilações. Não se descarta a hipótese de um ou outro problema tipográfico, mas supõe-se que a maioria das oscilações se deveu à fluidez, à pluralidade e à sobreposição dos significados, além do uso oscilante na própria época. A fluidez da classificação semântica pode ser vista no Organograma 2:

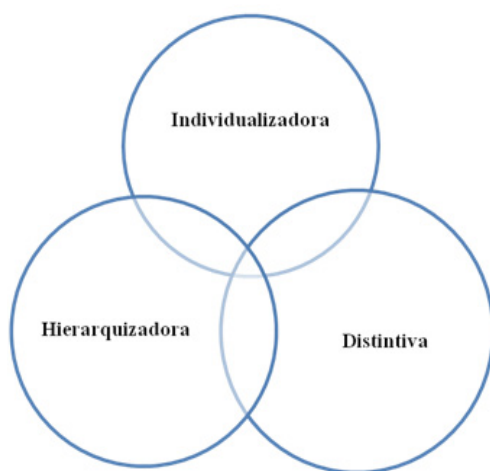


Figura 2 – Classificação semântica do uso das iniciais maiúsculas. Elaborado a partir da classificação de Meier (1948).

As classificações propostas por Meier (1948) serão analisadas e aplicadas a seguir.

### 3.2.1 A função individualizadora

Nesta função, a maiúscula é usada para separar o caráter individualizador do generalizador do substantivo. Como exemplo, Meier

(1948) apresenta as palavras “Suíça” (país) e “suíça” (barba). No primeiro caso, trata-se de um topônimo e, no segundo, de um substantivo comum. Sendo assim, a maiúscula é usada para nomear pessoas, animais, instituições ou objetos que, por qualquer motivo, ganharam personalidade. Contudo, ele afirma que essa função, como qualquer fenômeno linguístico, não reflete diretamente a realidade, mas a perspectiva de quem escreve.

Já nesta classificação, um problema semântico aparece, já que são “os seres mais individualizados na nossa consciência, os de maior duração e força, de maior transcendência que recebem os nomes. Não admira, portanto, que a maiúscula sirva também para hierarquizar o nosso mundo espiritual” (Meier, 1948, p. 193). Sendo assim, algumas palavras classificadas na função individualizadora da maiúscula poderiam, também, ser categorizadas em outras, como a hierarquizadora. Então, é importante afirmar que as classes das funções semânticas não são excludentes e suas fronteiras são movediças e tênues, como acontece com muitos fatos semânticos.

Na dedicatória, as palavras referentes ao livro – “Novela, Peça, etc.” – e ao divino “Creador da Natureza, Divino Exemplo” – foram grafadas com inicial maiúscula. Nos dois primeiros casos, entende-se que a maiúscula tem função individualizadora.

Na Introdução, o autor justifica a publicação da novela e relata que ela é redução de um texto maior. Os temas são a política e a moral que, para Alvarenga (1826), devem andar juntas. Entretanto, segundo ele, a maneira mais interessante para tratar dos dois assuntos é através da alegoria, daí a escolha dos temas da novela.

Nessa parte da obra, as iniciais maiúsculas foram usadas na função individualizadora para os antropônimos, como Lorde Bacon, Madame de Staël, Nicolau Maquiavel, etc.; topônimos como Estados Unidos da América, Grã-Bretanha, Roma, entre outros; assim como na escrita de funções, instituições, objetos e conceitos religiosos, como Alcorão, Espírito, Igreja Universal, Pregador, Religião Dominante, etc. É importante frisar, como também chamou a atenção Meier (1948), que nos casos do domínio discursivo religioso, o uso da maiúscula é também hierarquizador, o que será discutido posteriormente.

Essa inicial também foi usada para grafar termos do campo semântico da literatura, como “Fábula”: “Eu muitas vezes cheguei a contar-lhe histórias, e algumas *Fábulas* adequadas, que eu forcejava para passar por factos verdadeiros” (Alvarenga, 1826, p. 9, grifo nosso).

Empregou-se também a inicial maiúscula na escrita de palavras do campo semântico político e militar, como Guerra Púnica, Pátria, Revolução da França, Revoluções, etc. Entretanto, ocorre “revolução do Brasil”. Neste caso, conjectura-se que seja um erro tipográfico. A palavra “Pátria” apresentou oscilação. Aplicou-se maiúscula com função individualizadora quando se referia a uma pátria particular. Mas ao se referir ao sentido geral do termo, foi grafada com inicial minúscula, como mostram os seguintes excertos: “Por último na falta das antigas Escolas da Grécia, essa *Pátria das Artes*.” (Alvarenga, 1826, p. XIX, grifo nosso); “é por isso do dever dos verdadeiros amigos da sua *Pátria*” (p. XXV, grifo nosso); e “o mais que pode fazer hoje, é dar a vida pela *pátria*.” (p. X, grifo nosso).

Na novela, a maiúscula foi usada na função individualizadora na grafia de antropônimos (incluindo antonomásticos), hidropônimos, mitônimos e topônimos, sempre escritos com inicial maiúscula: Statira, Golfo Pérsico, Ásia, o Grande General, o Libertador da Pátria, etc.

Ainda na obra, as palavras “Sol” e “Universo”, do campo semântico da astronomia, aparecem grafadas com maiúscula em função considerada, neste artigo, individualizadora: “como o *Sol*/benfeitor, que anima, conserva, e que ilumina o *Universo*” (p. 32, grifos nossos).

A palavra “Luz”, do campo semântico dos fenômenos da natureza e metaforicamente ligada à inteligência, é também grafada com inicial maiúscula, assim como algumas outras palavras que a ela se referem, como “Criatura”:

Que ela era tão bem combinada, como a *Luz*, *Creatura* a mais brilhante de um Deus Onipotente, e que por isso também devia principiar a existir com a mesma presteza, com que a Luz fora feita (p. 32-33, grifo nosso).

[...] e que o primeiro Ministro d’Estado, Tio de Statira, Irmão de sua May, homem de grandes *Luzes*, merecimento, e prudência, vendo os Negócios Públicos em tão más circunstâncias [...] (p. 36, grifo nosso).

Percebe-se, na primeira abonação, que “Luz” é personificada, por isso a inicial maiúscula com função individualizadora.

No campo semântico da nobreza, a palavra “Pessoa” aparece grafada uma única vez com inicial maiúscula, designando Statira: “ela deu-me o Comando em Chefe do Exército: e por este motivo tinha eu frequentes

ocasiões de acesso à sua *Pessoa*” (p. 39, grifo nosso). Em outros contextos, aparece com inicial minúscula: “Segundo as Leis Fundamentais da Lícia não podia a *pessoa*, que reinava, casar-se com Estrangeiro” (p. 41, grifo nosso).

A palavra “país”, do campo semântico da política, aparece grafada com inicial maiúscula na função individualizadora. Entretanto, apresenta oscilação, visto que há uma ocorrência com inicial minúscula. Nas demais ocorrências as iniciais são maiúsculas. Não foi possível explicar a variação. Supõe-se que seja erro tipográfico:

Eu nasci Príncipe, meu Pai era o Soberano de um grande, e fértil *País* no Tibete (p. 5, grifo nosso).

[...] dispus-me a visitar os homens sábios d’Ásia, conversar com os Filósofos de diferentes *Países* (p. 54, grifo nosso).

[...] e observar ela mesma as cousas mais notáveis em diferentes *países* (p. 3, grifo nosso).

No campo semântico dos sentimentos, as palavras “Amizade” e “Amor” aparecem grafadas com inicial maiúscula, quando personificadas:

Filha do Céu, *Amizade*, / Tu mereces meus Louvores [...] (p. 55, grifo nosso).

Ela veio a ter-me um grande amor, e uma verdadeira *amizade* (p. 9, grifo nosso).

Por isso, e porque as extravagâncias são da essência d’*Amor* [...] (p. 38, grifo nosso).

[...] fazendo-lhe, ao mesmo tempo uma viva descrição dos efeitos prodigiosos d’Amizade, e d’*Amor* (p. 9, grifo nosso).

A quanto obriga *Amor* (p. 8, grifo nosso).

Tive portanto o maior prazer, quando percebi, que ela já sentia por mim aquele mesmo *amor* [...] (p. 40, grifo nosso).

No capítulo da Anekdota e da Errata, que se seguem à novela, a maiúscula foi usada na função individualizadora: “Lorde” e “Senhora Inglesa”. O emprego dessa função revela que os seres e objetos a que essas palavras se referem não são genéricos, têm um referente único: “Uma *Senhora Inglesa*, filha de um *Lorde*, e primeiro Ministro d’Estado [...]” (p. 57, grifos nossos). Em outras palavras, não é qualquer, mas uma senhora inglesa, filha de lorde, ou seja, ambas são específicas.

Na Nota do autor, que se segue à Errata, a maiúscula foi usada, também, com função individualizadora em “Auteur, Note de l’Auteur, Ouvrage”: “A fin de prevenir toute surprise, ou contrefaçon, e pour assurer la propriete de son *Ouvrage*, chaque exemplaire sera revetu de sa signature” (p. 58, grifo nosso) e “Note de l’Auteur” (p. 58). Entendeu-se como função individualizadora porque o autor, neste contexto, é Lucas José d’Alvarenga, e a obra é a novela *Statira, e Zoroastes*.

### 3.2.2 A função hierarquizadora

A maiúscula também pode exercer uma segunda função recriando, na escrita, a hierarquia social e/ou espiritual. Entende-se que esta relaciona-se com a anterior, visto que só se individualiza aquele ou aquilo que está inserido num quadro de valores sociais relevante para quem escreve ou para determinada comunidade em que o uso de maiúscula é institucionalizado e regulado por lei, como atualmente.

A dedicatória da novela foi oferecida à imperatriz Leopoldina, como já dito. Todas as palavras relativas à imperatriz foram grafadas com inicial maiúscula: Princesa Heroína, Vossa Majestade, Vossa Majestade Imperial. É importante ressaltar que até hoje, em correspondências formais ou oficiais, utiliza-se a maiúscula em pronomes de tratamento. Meier (1948, p. 195) já alertava: “Os vocativos e as fórmulas de tratamento da ortografia epistolar são [...] o campo preferido da letra grande”.

Outros vocábulos, como os pronomes possessivo e oblíquo, adjetivos e verbos que denotam qualidades, atitudes ou reações da imperatriz também foram grafados com inicial maiúscula, como demonstram os seguintes excertos:

Muito *Alta*, *Generosa* Imperatriz do Brasil *Se Dignaria Aceitar*, como *Aceitou* de um subdito *Seu*, e com *Agrado*, a Dedicção desta Peça. Tão *Alta* *Protecção* *Fará* florescer [...], debaixo de *Tão Alto*, *Majestoso Tronco*, ficará abrigado à sombra d*Ele* (Alvarenga, 1826, dedicatória, grifos nossos).

[...] a *Mão Augusta* de Vossa Majestade Imperial (dedicatória, grifo nosso).

[...] o *Seu* fiel súbdito [...] (dedicatória, grifo nosso).

É interessante notar que o escritor assinalou com maiúscula até a metáfora referente à família imperial: Majestoso Tronco. Nesse caso, percebe-se que a maiúscula foi usada com função hierarquizadora, já que,

ao grafar as palavras relativas à imperatriz e, especificamente, à família imperial com inicial maiúscula e as relacionadas a ele (Alvarenga) com minúscula, o escritor recriou, na escrita, os níveis hierárquicos do soberano – “que ou aquele que detém poder ou autoridade suprema” (Cunha, 1997, p. 741) e do súdito – “que ou aquele que está subordinado à vontade de outrem” (p. 740).

Na Introdução, a maiúscula hierarquizadora foi utilizada em títulos e cargos sociais relevantes: Almirante Drury, Deputadas, Sultões, Cônsules, Cortesãos, etc.; e fórmulas de tratamento: Sua Majestade Fidelíssima, etc.

O módulo maiúsculo foi também usado para grafar as iniciais de todas as palavras do campo semântico da política e da moral. Esse uso hierarquizador foi uma forma de chamar a atenção do leitor para os assuntos principais da Introdução, embora as classificações semânticas não sejam excludentes, em alguns casos, conforme afirmado anteriormente, podem sobrepor-se, como a função hierarquizadora e a individualizadora.

A inicial maiúscula também foi usada com função hierarquizadora na grafia de alguns conceitos, ciências e outras instituições sociais, como: Causa Pública, Civilização, Constituições, Direito Público, Equidade das Leis, Gabinete, Governos, Humanidade, Justiça dos Governos, Moral, Nação, Política, Povo Romano, etc.

Na novela, a maiúscula também foi usada com a função hierarquizadora nas palavras pertencentes ao campo semântico da ciência e do saber: “Escola; Estabelecimento; Física; Estudo da Natureza; Mago”. Vejam-se algumas abonações:

Partiram com efeito; e o primeiro objecto, a que se derigiram, foi a ver a famosa *Escola* dos Filósofos, (ou Magos) que acabava de fundar-se nas margens do Golfo Pérsico (Alvarenga, 1826, p. 2, grifo nosso).

[...] dando a cada um dos Visitantes em termos hábeis uma ideia conveniente daquele novo *Estabelecimento* [Escola dos Magos] (p. 3, grifo nosso).

[...] busquei ultimamente as margens do Arósis, onde os *Magos*, com quem vivo nos mais estreitos Laços d’Amizade, quizeram ter a bondade de escolher-me por seu Chefe (p. 54, grifo nosso).

O módulo maiúsculo também foi usado na letra inicial de palavras do campo semântico do esporte: Caça e Caçadores. Isso demonstra a importância dessa atividade no contexto social da época, por isso a

classificação como hierarquizadora: “Eu nasci Príncipe, meu Pai era o Soberano de um grande, e fértil País no Tíbet. Andando eu um dia à *Caça*, succedeu perder-me nos bosques [...]” (p. 5, grifo nosso); e “Um dia, que eu atravessava os Estados da Lícia, parei em uma larga floresta, para abrigar-me ali do excessivo calor; eis de repente vejo uma quantidade de *Caçadores*, que passaram bem perto de mim [...]” (p. 13, grifo nosso).

No campo semântico de família, quase todas as palavras escritas com inicial maiúscula têm função hierárquica: Avós, Espozo, Estado Nupcial, Tálamo nupcial, Lares, May, Marido, Pai, Tálamo, Tio. Essa hierarquia se confirma, também, pelo fato de a palavra “filho” aparecer sempre grafada com inicial minúscula, conforme demonstram as abonações seguintes:

Depois das luminosas ideias, cujo clarão desde o Oriente enche o Mundo inteiro, sem pertensões ainda agora, que a lembrança de seus *Avós*, que eles envergonham com a sua conducta, deve preferir às virtudes das mulheres, que os humilham (p. 18-19, grifo nosso).

[...] e enfim em atenção distinta aos seus serviços pessoais feitos à Pátria na Paz, e na Guerra; lhe era (sem poder servir de exemplo para o futuro) permitida a liberdade de escolher *Espozo*, quem quer, que fosse; [...] (p. 42, grifo nosso).

[...] sem o menor constrangimento poder mudar do estado Religioso para o *Tálamo nupcial* (p. 8, grifo nosso).

[...] poderiam afastar os seus súbditos, ou para melhor dizer, os seus *filhos* da oportunidade de se queixar a ela mesma, como a sua *May*, a sua Defensora Perpétua, a sua Rainha (p. 26, grifos nossos).

Tornando pois à história, que eu interrompi, para vos fazer ver previamente, quem era Statira, *filha* de quem, como sua *May* tinha subido ao Trono [...] (p. 34, grifos nossos).

O campo semântico da família entrelaça-se ao da nobreza, visto que muitos laços familiares referem-se aos das personagens nobres da novela. Ocorrem também oscilações: “Família” apresenta uma ocorrência com letra inicial maiúscula e duas com minúscula; e “Irmão”, três e uma, respectivamente.

Tomei a resolução de abandonar meu Pai, minha May, minha *Família*, e com ela todos aqueles doces encantos de uma Corte sedutora, que tão lisonjeiramente encadeiam aquelas almas, que não foram formadas, como a minha (p. 8, grifo nosso).

[...] respondi-lhe, que eu tinha nascido em uma Cidade da Síria, e de uma *família* obscura. Ela imediatamente se retirou sem me dizer mais uma palavra (p. 38-39, grifo nosso).

Fui mais informado, que a May de Statira depois de governar alguns anos tinha sido detronada atraçoadamente pela ambição de um Tirano, *Irmão* de seu Marido [...] (p. 34, grifo nosso).

Mas não obstante este meu retiro [...] meu *irmão* (talvez julgando-me por si) considerando-me como aos outros homens, teve algum ciúme de mim, supondo, que eu reclamaria o Trono (p. 48, grifo nosso).

Julga-se que tenha sido um erro tipográfico a grafia de “irmão” com letra minúscula.

Entende-se a oscilação da palavra “família” da seguinte maneira: com inicial minúscula ocorre em contextos em que a família de Zoroastes era entendida como plebeia ou havia dúvida sobre sua origem. Na primeira abonação com inicial minúscula, Statira, sem saber quem era Zoroastes, pergunta-lhe pela sua família; na terceira, Zoroastes, mentindo, diz-lhe que é de família obscura. Sendo assim, percebe-se também uma hierarquia: era considerada mais importante na novela a família nobre, por isso a grafia da palavra com inicial maiúscula.

No campo semântico da nobreza, as palavras a seguir também são escritas com inicial maiúscula: Ceptro, Civil, Corte, Cortesãos, Defensora Perpétua, Dinastia, Estátua, Família Real, Graça, Grandes da Corte, Heróica Soberana, Heroína, Inspeção, Jovem, Judiciosa, Majestade, Majestoso, Palácio, Personagens, Pessoa, Pessoa Real, Princesa, Príncipe, Proclamado Título de Rainha, Rainha, Real, Realeza, Rei, Reinado, Reino, Trono, Usurpador, Viajantes da Pérsia. Vejam-se algumas abonações:

Enfim no seu ar [da Princesa Persana], e nos seus gestos viam-se ao mesmo tempo a *Graça*, e a *Majestade* (p. 2, grifos nossos).

[...] ela [a Rainha] se julgava entretanto responsável em parte pelo desempenho de todas essas mesmas funções em razão do dever geral da *Inspeção*, que ela sentia sobre os seus ombros (p. 28, grifo nosso).

[...] e a vida da Princesa herdeira em perigo iminente, tomara o expediente de emigrar para as Índias com a *Jovem Princesa*; o que com efeito posera em prática [...] (p. 36, grifos nossos).



Era pois este Filósofo, quem devia receber as *Personagens* [casal de príncipes da Pérsia], que visitavam aquele lugar [...] (p. 3, grifo nosso).

*Princesa*, aquela *Estátua*, que estais vendo, é a *Estátua* de Statira, que me tinha tanto amor em outro tempo, como vós tendes hoje ao *Príncipe*, vosso Esposo (p. 4, grifos nossos).

A *Rainha* porém, cuja penetração era tão profunda como *Judiciosa*, prevalecia-se deste mesmo sentimento geral, tão idolatrado pelo Povo [...] (p. 26, grifo nosso).

Foi portanto Zoroastes, quem recebeu os dois *Viajantes da Pérsia* [casal de príncipes persas]; e depois de os entreter com um refresco simples, e frugal [...] (p. 3, grifo nosso).

Como se vê, não apenas as palavras que diretamente se referem a títulos e a objetos da nobreza, mas até aquelas que não pertencem propriamente a esse campo semântico – como *Estátua*, *Graça*, *Inspecção*, *Jovem* –, quando a ele associadas, são escritas com letra inicial maiúscula. Neste caso, a *estátua* era de Statira, uma rainha. “Defensora perpétua”, assim como “Personagens, Viajantes da Pérsia” e “Visitantes” também não pertencem ao campo semântico da nobreza, mas neste contexto sim, visto que o primeiro refere-se à rainha, conforme mostrou a última abonação, e o segundo, o terceiro e o quarto, ao casal de príncipes da Pérsia: “Foi portanto Zoroastes, quem recebeu os dois *Viajantes da Pérsia* [casal de príncipes persas]; e depois de os entreter com um refresco simples, e frugal [...]” (p. 3, grifo nosso).

Também as palavras *Civis*, *Consideração*, *Coração*, *Determinação*, *Fala*, *Instrução*, *Justiça*, *Livre*, quando se referem à rainha, são grafadas com inicial maiúscula, mas em outros contextos, não:

Porém esta Heroína [Statira], que tinha ainda maiores talentos, do que se supunha, tanto Militares, como *Civis*, e Políticos [...] (p. 15, grifo nosso).

Que todo o perigo da Pátria pode, e deve suspender a Liberdade individual; porque todo o caso, ou bem fundado receio de agressão interior, e sedições *civis* forçam cada Cidadão a fazer o sacrifício [...] (p. 24, grifo nosso).

Que tomando-se em *Consideração* as desgraças passadas da Rainha as suas prudentes, saudáveis *Determinações*, a Liberalidade, com que tinha já admitido ao serviço da Nação alguns homens [...] (p. 40, grifos nossos).

Que a Rainha ouvindo o seu Conselho d’Estado, e tomando em *Consideração* os iminentes males, que ameaçavam o Reino [...] (p. 21, grifo nosso).

Estas, e outras *considerações* me determinaram [narrador] a passar o resto dos meus dias no Estudo da Sabedoria [...] (p. 47, grifo nosso).

A curiosidade, o espírito e o terno *Coração* da Princesa Persana a obrigaram a interromper o Filósofo, e a inquirir com interesse a causa de suas lágrimas (p. 4, grifo nosso).

Zoroastes, ou fosse, como é de supor, para satisfazer a Princesa; ou fosse também, como é natural, para aliviar o seu próprio *coração* do peso da tristeza [...] (p. 4, grifo nosso).

[...] voltando-se logo para a Rainha (que depois da sua *Fala* a repetidas instâncias do Congresso se tinha demorado, e bem a seu pesar assistido à Leitura do Projecto) dirigiu-lhe imediatamente uma *Fala* sublime, científica, enérgica, digna enfim de uma tal Rainha [...] (p. 32, grifo nosso).

Animaram-se com a minha presença, e com as minhas [do narrador] *falas*; e assim com este expediente ajuntei um pequeno corpo de Tropa, com que marchei ao inimigo (p. 37, grifo nosso).

Que ela tinha a mesma bondade de sua May, que atraía os bons com a *Justiça*, e os maus com a clemência (p. 36, grifo nosso).

À vista deste novo Decreto, da clareza, e *justiça* dos princípios preservativos, em que ele se fundava, (e talvez já da eficácia da nova Magistratura de Polícia) tomou ou pareceu tomar a opinião pública a conveniente, nova direcção, que se lhe deu (p. 25, grifo nosso).

[...] – Viva a Rainha – Vós sois *Livre* [...] (p. 44, grifo nosso).

Estando *livre* então daquela escravidão, inquietações, receios, e perigos inseparáveis da Realeza, ou (para melhor dizer) que estão identificados com a Autoridade [...] (p. 48, grifo nosso).

Quanto à palavra “Fala”, supõe-se que o módulo inicial maiúsculo indique também uma relação com a fala do trono de D. Pedro I na abertura da Assembleia Geral Constituinte de 1823. A fala do trono “era a oração com que o Imperador abria e encerrava a sessão legislativa” e foi reconhecida pela Constituição Imperial de 1824 como “sessão Imperial de abertura” (Calmon, 1977, p. 7). Segundo Sousa (1972), o próprio imperador redigia as falas do trono.

Outro campo semântico que também apresentou palavras com inicial maiúscula na função hierarquizadora foi o das instituições e

organizações humanas. Neste caso, frisa-se que a maioria das palavras pertence ao campo das instituições política e militar (guerra): Aclamação, Artigo da Constituição, Assembleia, Assembleia Geral, Chefe do Exército, Cidadão, Comando, Comissão, Congresso, Conquistadores, Constitucional, Constituição, Constituinte, Constituinte e Legislativa, Convocação, Decretado, Decretar, Decreto, Deliberações, Despacho, Edital, Eleição, Emprego, Estacionária, Exército, Fundamentais (ref. a Leis), Governo, Grandeza, Instituições, Invenção, Juramento, Lei, Liberal, Liberalidades, Magistratura de Polícia, Magistratura, Magnânimo, Mapa, Militares, Ministerial, Nação, Nacional, Oradora, Pai da nossa Pátria, Peça Majestosa, Poderes (relativo a Estado), Polícia, Políticas Providências, Presidente, Representantes, Selo do Juramento, Senado, Sentinela, Soberano, Sociedade, Território, Tirano, Usurpador. Vejam-se algumas abonações:

Fez convocar sem perda de tempo uma *Assembleia Geral, Constituinte, e Legislativa*, para estabelecer legal, e deliberadamente uma nova forma de *Governo*, que ela julgava indispensável para legitimar a sua Aclamação, e para a estabilidade, garantia e tranquilidade da *Nação* (p. 15, grifos nossos).

Ela mandou imediatamente expedir *Avisos* aos Grandes da Corte, e ordens aos Empregados públicos, e fixar *Editais* ao Povo, para que se achassem à hora determinada no referido lugar (p. 42-43, grifos nossos).

Voltei à Rainha; e apenas acabava de expor-lhe o resultado das *Deliberações* do Conselho; ordenou-me, que marchasse logo logo com todo o Exército para aquela planície, em que eu tinha ganhado a batalha aos Cários, e que ali fizesse alto, esperando as suas últimas ordens (p. 42, grifo nosso).

Se nós lhes confiarmos ainda agora as mais pequenas Honras, e *Empregos*; eles se prevalecerão desta oportunidade, e serão os primeiros a minar a nossa reputação, a calumniar o nosso valor, e a nossa glória (p. 16, grifo nosso).

Segundo as *Leis Fundamentais* da Lícia não podia a pessoa, que reinava, casar-se com Estrangeiro (p. 41, grifo nosso).

[...] houvesse entretanto uma nova *Magistratura* com certas atribuições [...] (p. 21, grifo nosso).

Que sem isto a autoridade *Ministerial* (que tem quase sempre um certo declive para a arbitrariedade) poderia tudo, confundiria tudo, meteria a vida, a propriedade dos indivíduos da *Nação* nos abismos da desgraça (p. 26, grifos nossos).

No seu Discurso exaltou a *Oradora* o Magnânimo Coração, o Espírito generoso de tão Heróica *Soberana*. Aprovou, e agradeceu em nome do Congresso um tão sábio, e tão *Liberal Projecto*. Declarou solemnemente, que ele ficava sendo de ora em diante a *Constituição do Estado*; e que nada mais faltava, que o *Selo do Juramento*, e a *Lei*, que a promulgasse. Concluiu a *Presidente* este brilhante *Discurso* (como costuma o belo sexo) com um comprimento galante, delicado, e lisonjeiro (p. 32, grifos nossos).

Decretou de novo; que a *Deusa Polícia* seria dali em diante a primeira *Sentinela* do *Estado* (p. 21, grifos nossos).

Apesar disto não muito tempo depois por conselho dos Senadores, que ela tinha já feito em remuneração de seus serviços, e da sua fidelidade, para juntos em *Senado* representar o Povo com certas atribuições, e prerrogativas; ela deu--me o Comando em *Chefe do Exército*: e por este motivo tinha eu frequentes ocasiões de acesso à sua Pessoa (p. 39, grifos nossos).

Considerando que um dos temas da novela é a política, foi muito oportuno hierarquizar, ou seja, destacar, através de iniciais maiúsculas, as palavras desse campo semântico, visto que assim se destaca, na grafia, a temática que perpassa o texto.

As palavras pertencentes ao campo semântico das profissões, sendo que muitas são de cargos políticos ou de Estado, também foram grafadas com iniciais maiúsculas, com função hierarquizadora: Chefe, Deputadas, Embaixador, Empregado, Filósofo, Jornalista, Magistrado, Médico, Ministro, Periodista, Senador:

O amor à verdade, o desejo de uma constante, e mútua comunicação de Luzes para mais exacto desenvolvimento de princípios necessários, e úteis à humanidade, foram os motivos daquela Sociedade de Sábios; e ainda que não precisavam de *Chefe* (p. 2, grifo nosso).

Entretanto, que tudo isto se passava foram concorrendo as *Deputadas* (p. 27, grifo nosso).

Que o Estado, que chegar a ter um Rei justo, e *Ministros* sábios, e virtuosos, será o mais feliz de todos os Estados p. 34, grifo nosso).

[...] em que actualmente se achava: e declarou mais por esta ocasião a respeito das queixas públicas dos *Jornalistas* o seguinte, que pouco mais ou menos é o Espírito da Íntegra do Decreto (p. 23, grifo nosso).

Foi possível perceber que essas profissões, socialmente valorizadas, são relacionadas à política, à imprensa e ao saber. Nesse campo, não houve oscilação: todas as ocorrências foram grafadas com inicial maiúscula, exceto uma ocorrência de “político”, grafada minúscula, conforme demonstram as seguintes abonações:

Ora entre os mais célebres *Políticos* antigos, e modernos, que escreveram com [...] (p. XV, grifo nosso).

[...] maiores talentos, do que se supunha, tanto Militares, como Civis, e *Políticos* [...] (p. 15, grifo nosso).

[...] foi a Liberdade da Imprensa contra a decantada opinião de alguns presumptuosos *políticos* (p. 25, grifo nosso).

A História é o fiel, seguro, e iluminado Guia. Ela é um Mapa do Mundo *Político* (p. 30, grifo nosso).

Em relação à classe gramatical, há três ocorrências da palavra “político” como substantivo, sendo uma delas escrita com letra inicial minúscula, e duas como adjetivo, todas escritas com inicial maiúscula. Talvez o emprego da inicial minúscula esteja relacionado a um valor negativo, à presunção: “Declarou mais a Rainha outras muitas coisas necessárias, e úteis para a permanente segurança, e felicidade da Nação; e entre elas foi a Liberdade da Imprensa contra a decantada opinião de alguns presumptuosos *políticos*” (p. 25, grifo nosso). Nota-se que houve ênfase na característica negativa desses políticos – presunçosos. Tal ênfase foi obtida com a colocação do adjetivo antes do substantivo, ou seja, pretendia-se chamar a atenção para o tipo de político de que se estava falando. Nesse caso, entende-se que essa associação negativa encaixa-se também na função distintiva: bons políticos → módulo maiúsculo, maus políticos → módulo minúsculo.

As palavras do campo semântico religioso são quase todas escritas com maiúscula, com a mesma função hierarquizadora. Percebe-se que isso se aplica tanto as que se referem à religião cristã quanto à pagã. As palavras sempre escritas com inicial maiúscula são: Altares, Asilo, Brâmane, Céu, Culto, Culto do Fogo, Deus, Deus Todo Poderoso, Deus Onnipotente, Deusa, Divino, Divindade, Empíreo, Espíritos Celestes, Estatutos<sup>3</sup>, Leis

3 Trata-se do estatuto das vestais, sacerdotisas dedicadas ao culto do fogo. Houve apenas uma ocorrência desta palavra.

Religiosas, Ministério, Mitologia Persana, Egípcia, e Feniciã, Oromazes, Profissão Religiosa – ou seja, voto religioso –, Proteção, Protetora, referindo-as a deusas, Régia Autoridade, Religião, Religioso Serviço, Sacerdote, Sagrado, Santuário, Vestal. Vejam-se algumas abonações:

Ora meu Pai ainda era vivo; eu não podia empregar meios alguns violentos, para tirar Statira daquele *Asilo* [templo religioso onde as vestais ficavam recolhidas]: e ainda mesmo, que eu já fora Rei, nem assim podia fazer cousa alguma neste Caso [...] (p. 7, grifo nosso).

[...] e soube, que se chamava Statira, que era filha de um velho *Brâmane*, e que estava consagrada ao *Religioso Culto do Fogo*. Soube mais, que as donzelas dedicadas a este *Serviço* se chamavam *Vestâes*, e que entre os seus *Estatutos* havia um, que era em parte razoável [...] (p. 6, grifos nossos).

É remarcável a razão por que a Rainha quis, que fossem *Deusas* as *Protectoras do Reino*; pois que o Governo existente era de mulheres, era uma mulher, a que já estava proclamada Rainha, e deveriam ser mulheres, as que lhe succedessem no Trono; por consequência Deusas as *Protectoras* do Estado (p. 21, grifos nossos).

É mister ressaltar que algumas palavras do campo mítico-religioso pertencem também ao da política, como é o caso de “Deusa”, entre outras. Na novela, esses dois campos entrecruzam-se.

Na Anedota e na Errata, a maiúscula também foi usada com função hierarquizadora: Autor, Imprensa, Leitor, Ministro d’Estado, Pai. O seu emprego se relaciona com a hierarquia social: “e a inteligência dos *Leitores* conheceria pelo contexto os sentimentos do *Autor*; e por consequência disfarçaria aqueles erros, pelos quais ele não era responsável” (p. 57, grifos nossos).

Entende-se que a função é hierarquizadora porque se relaciona à hierarquia familiar (Pai → filha) e profissional (Ministro d’Estado), além de alçar a um mesmo patamar leitor e autor. No caso da inicial maiúscula em “autor”, não foi possível entendê-la com função individualizadora porque não se referia ao autor da novela.

### 3.2.3 A função distintiva

Esta é a terceira e última função semântica apontada por Meier (1948). De acordo com o pesquisador, a maiúscula nesta função serve para

distinguir nomes institucionais e alguns conceitos. Ele cita os seguintes exemplos: banco (móvel) e Banco (instituição financeira); direito (o que é justo) e Direito (jurisprudência). Há também casos em que a distinção vai além disso, como por exemplo a palavra “Estado”, que pode ser um nome (o Estado português), uma personificação mítico-alegórica (a Nação) ou uma distinção entre opostos (o estado em que vivemos) (Meier, 1948, p. 198).

Na novela, palavras do campo semântico da ciência e do saber – Escola, Guia, História, Máxima, Razão, Romântica, Sábio – apresentaram maiúscula inicial na função distintiva. A primeira é grafada com inicial maiúscula quando tem conotação ideologicamente boa, e minúscula quando negativa: “Um verdadeiro amor ensina a ser Filósofo: a sua *Escola* é a da Natureza” (Alvarenga, 1826, p. 10, grifo nosso) e “Fui mais informado, que Statira era adorada pelo Povo; porque governava como uma pessoa, que tinha aprendido na *escola* da desgraça” (p. 36, grifo nosso).

A segunda palavra – Guia – foi grafada com inicial maiúscula para destacar o tipo de guia. Não é qualquer um, mas os visíveis, que guiam as ações humanas: “Os *Guias* visíveis sobre a terra, como esses homens, que viviam connosco, e todos os mais uns são ignorantes, outros ambiciosos, outros inficéis” (p. 29-30, grifo nosso).

A terceira – História – é grafada com maiúscula sempre que se refere à ciência ou à história coletiva, e com minúscula quando remete à ficção ou à história particular, pessoal. Quando é grafada com inicial maiúscula, as palavras relativas a ela também recebem destaque: *Colecção de Jornais*, *Fastos*, *Mapa*, *Registro*, *Reservatório*:

A *História* é o fiel, seguro, e iluminado Guia. Ela é um *Mapa* do Mundo Político. Na nossa jornada política nós nos guiaremos a nós mesmas segundo este *Mapa*. Nós seremos assaltadas pelas paixões alheias; seremos traídas pelas nossas: sirvanos pois a *História* como uma *Colecção de Jornais* daqueles, que têm viajado já esse Mundo, e têm sido expostos aos seus cruéis accidentes. Os bons, ou maus sucessos, que tiveram, nos instruirão igualmente [...] (p. 30, grifos nossos).

Lembro-me, que um dia, em que eu lhe estava contando uma *história* desta natureza, ela ausentou-se com grande agitação (p. 39, grifo nosso).

Ligada à história, visto que designa um acontecimento memorável, “Fastos” também aparece com inicial maiúscula: “Dia memorável nos *Fastos* da Razão, e da Glória” (p. 27, grifo nosso).

A quarta – máxima – foi grafada com maiúscula ao se referir ao nome de obras específicas e a axiomas, e com minúscula quando era relativo a pensamento, norma de conduta, tanto na Introdução quanto na Novela: “e que apenas se encontram com sucesso em muitas das *Máximas* Morais de La Rochefoucauld” (p. XV, grifo nosso) e “porém uns em estilo didático, em *máximas*, axiomas; outros em romances, alegorias, etc.” (p. XV, grifo nosso).

A quinta – razão – foi grafada com maiúscula ao designar conhecimento, ciência, e com minúscula ao denominar a faculdade intelectual humana: “A *razão* pelo contrário precisa de muita dexteridade, para se introduzir, e merecer alguma atenção” (p. 17, grifo nosso) e “para onde pendia a balança Política; que o progresso da *Razão*, e das Luzes combinados com a experiência reconheceria as emendas [...]” (p. 31, grifo nosso).

A sexta – romântica –, em voga na Europa na época, mas incipiente no Brasil<sup>4</sup>, foi grafada com maiúscula para especificar o tipo de ideia: “todavia receando prudentemente, que estas minhas ideias fossem talvez exageradas, *Românticas*<sup>5</sup>, filhas de uma imaginação exaltada; e que a regra da prudência em tais casos é consultar os homens imparciais, e iluminados [...]” (p. 54, grifo nosso).

A sétima e última – sábio –, quando substantivo, designando uma profissão, foi grafada com inicial maiúscula. Quando adjetivo, com minúscula: “Leis, costumes, virtudes, vida dos *Sábios*, que comigo habitam este retiro” (p. 4, grifo nosso); e “Aprovou, e agradeceu em nome do Congresso um tão *sábio*, e tão Liberal Projecto” (p. 32, grifo nosso).

Palavras do campo semântico das classes também foram grafadas com inicial maiúscula, como “Gênero Humano” e “Mulheres”. “Gênero Humano” foi sempre grafada com maiúscula em função distintiva, ou seja, para diferenciar o humano, esfera ideologicamente privilegiada, de outros gêneros ou para distinguir da extensão de sentido da palavra, em que ela assume as acepções de “tipo, classe, espécie”: “Esse facho de luz, precioso dom da Natureza, liberalizado ao *Gênero Humano* para o alumiar nas suas acções [...]” (p. 18, grifo nosso).

4 Basta lembrar que Antonio Candido (2000, p. 262) chama o período compreendido entre 1820 a 1830 de “pré- romantismo franco-brasileiro”.

5 No dicionário Houaiss consta que essa palavra entrou na língua portuguesa em 1858 (Houaiss, Villar, 2009), mas é necessário retrodatar, visto que a novela é de 1826 e já registra esse adjetivo.



“Mulher” também apresentou variação distintiva na novela. Entendeu-se que a minúscula foi usada para distinguir uma conotação negativa das mulheres de uma conotação neutra e, assim, grafada com maiúscula: “Eles afectavam ridiculamente a linguagem doce, as maneiras, as máximas, até mesmo as naturaes fraquezas das *mulheres* [...]” (p. 13, grifo nosso) e “Que os Lícios, conforme a Constituição estabelecida no Governo antepassado eram outra vez governados por *Mulheres* [...]” (p. 13, grifo nosso).

Palavras do campo semântico das grandezas temporais também foram grafadas com maiúscula, ganhando um caráter alegorizante: “Século, Posteridade”: “Que uma hora perdida era para ela um roubo feito à sua Pátria. Que ela devia dar conta ao seu *Século*, e à *Posteridade* de todos os seus instantes, e que não podia jamais esquecer-se [...]” (p. 29, grifos nossos).

É possível marcar a diferença entre “Século” e as demais grandezas temporais – ano, mês – grafadas com minúscula. É uma função distintiva que aponta para uma hierarquia. “que as Deputadas apesar da sua boa-fé consumiriam neste primeiro importante objecto muitos *meses*, e talvez *anos* em questões frívolas, e debates de ostentação, que nada adiantam para o caso [...]” (p. 27, grifos nossos).

O campo semântico da justiça também apresentou palavra com oscilação distintiva – “Juízo”: uma ocorrência grafada com inicial maiúscula ao se referir a tribunal e três com minúscula ao se referir a bom senso, moral: “que a Rainha permitiu francamente a liberdade da Imprensa com a única restrição de responsabilidade pelos excessos, especificando casos, e declarando o *Juíço* competente, que creou de propósito, para se verificar ali o crime, e impor-se a pena” (p. 26-27, grifo nosso); e “Que a moderação nas paixões, o *juízo* nos conselhos, e a dexteridade nos negócios são as partes mais eminentes da Sabedoria” (p. 50, grifo nosso).

Ainda na novela, no campo semântico militar e político, também há palavras que apresentaram oscilação distintiva na grafia da inicial maiúscula. Com função distintiva, pode-se apontar a oscilação de algumas destas palavras: Alto, Avisos, Conquista, Conselho, Estado, Deliberações, Discurso, Estrada Política, Independência, Leis, Leitura, Liberdade, Opinião, Plano, Proclamação, Projeto, Tropa. Essas palavras, quando se referem à política, são grafadas com inicial maiúscula, mas em outros contextos não, conforme mostram algumas abonações:

[...] que o seu grande Sacerdote se denominasse desde já o Magistrado d'*Alta* Polícia (p. 21, grifo nosso).

[...] cercado de *altas*, e viçosas murtas à maneira de um muro, em cujo centro estava colocada a Estátua de uma elegante mulher [...] (p. 3, grifo nosso).

Ela mandou imediatamente expedir *Avisos* aos Grandes da Corte, e ordens aos Empregados públicos, e fixar Editais ao Povo, para que se achassem à hora determinada no referido lugar (p. 42-43, grifo nosso).

Os bons, ou maus sucessos, que tiveram, nos instruirão igualmente: Os bons nos darão coragem a segui-los; os maus nos servirão de *aviso* a evitá-los (p. 30, grifo nosso).

Que a Rainha ouvindo o seu *Conselho d'Estado*, e tomando em Consideração os iminentes males, que ameaçavam o Reino pelos diferentes partidos, e opiniões de homens inábeis, [...], que maquinavam a desunião, e anarquia; [...] e talvez a subversão da Pátria [...] (p. 21, grifo nosso).

Apesar disto não muito tempo depois por *conselho* dos Senadores, [...]; ela deu-me o Comando em Chefe do Exército [...] (p. 39, grifo nosso).

Julgai agora, qual seria o *estado* da minha alma em tão triste, e desgraçada situação (p. 11, grifo nosso).

Porém esta Heroína, que tinha ainda maiores talentos, do que se supunha, [...] foi dando imediatamente todas as providências, que julgou necessárias para a tranquilidade, segurança, e prosperidade do *Estado* (p. 15, grifo nosso).

Mostrou, que a *Estrada* Política, por onde se pode ir a um bom Governo, é apenas um estreito caminho mal trilhado (p. 29, grifo nosso).

[...] entrei neste serviço, em que haviam já muitos homens, que por esta mesma *estrada* queriam chegar a merecer honras, e os Empregos compatíveis com a nova Constituição (p. 36, grifo nosso).

“Independência”, “Lei”, “Leitura”, “Opinião”, “Plano” e Projeto” também apresentaram esse tipo de oscilação. Utilizadas em circunstâncias ligadas à política, foram grafadas com maiúscula, e, em outros contextos, com minúscula, conforme demonstram algumas abonações:

[...] só para obviar em tempo sentimentos divergentes, e dirigi-los, como é do meu dever, a um ponto central; que é em suma a segurança interna, e externa do Estado, a *Independência*, Liberdade, e prosperidade da Nação (p. 30, grifo nosso).

[...] que os negócios públicos, e da maior importância se arranjassem por mulheres com total *independência* deles [homens] [...] (p. 20, grifo nosso).

[...] e bem a seu pesar assistido à *Leitura* do Projecto) dirigiu-lhe imediatamente uma Fala sublime [...] (p. 32, grifo nosso).

Uma Princesa da Pérsia [...] passava a maior parte do seu tempo em uma *leitura*, escolhida para a sua Instrução (p. 1, grifo nosso).

A palavra “Tropa” também apresentou oscilação distintiva. Foi grafada com inicial maiúscula quando associada à ação positiva, e com minúscula, à derrota:

Por esta ocasião pois foi pelo Exército proclamada Rainha a May de Statira, aquela mesma, que [...] tinha comandado em Chefe as *Tropas* victoriosas (p. 14, grifo nosso).

[...] em uma batalha, de que dependia segunda vez a sorte da Lícia, os Cários favorecidos de traidores, que tínhamos no Estado, poseram nossas *tropas* em derrota (p. 37, grifo nosso).

Ainda na novela, “Abertura” se liga, no contexto em que aparece, ao campo semântico da política e, embora não apresente variação, foi grafada com maiúscula com função distintiva: “Ali depois de uma Peça Majestosa, que recitou na *Abertura* com um ar elegante, com uma voz encantadora, que atraiu os corações, e a convicção de todos [...]” (p. 28, grifo nosso). O termo refere-se à abertura da assembleia constituinte na Lícia, ou seja, por isso foi grafada com inicial maiúscula.

No campo semântico da religião, as palavras “Sacrifício”, “Solemne” e “Acto” também foram grafadas com inicial maiúscula. As duas primeiras ocorrem apenas uma vez. Já a terceira apresenta variação distintiva: ora é escrita com maiúscula, ora com minúscula, sempre no mesmo contexto religioso. Há duas ocorrências com maiúscula e uma com minúscula: “obrigado ao impreterível dever de a queimar viva, logo que fosse compreendida legal, e verbalmente neste sacrílego delicto; devendo até ser encarado este procedimento como um *Sacrifício Solemne*, e um *Acto*, que era todo de Religião” (p. 7, grifos nossos); e “Era costume entre as Vestões ir diferentes vezes no ano ao cimo de uma montanha [...] e fazer ali seus *sacrifícios*” (p. 11, grifo nosso).

Nesse caso, o uso da maiúscula é distintivo, não hierarquizador, visto que é usada quando se refere a um sacrifício específico. Já quando se refere a sacrifício em geral – e o plural generaliza –, o uso foi de minúscula. A maiúscula foi usada para distinguir um sentido mais específico de outro mais genérico.

No campo semântico dos sentimentos, as palavras: Ídolo, Laço, e Louvores também apresentaram oscilação distintiva. “Ídolo”, com sentido pejorativo, foi grafado com minúscula, e com sentido figurado, positivo e impregnado de afetividade, com maiúscula: “Que os costumes, que não são fundados na razão são a chaga do homem sábio, e o ídolo dos ignorantes” (p. 50, grifo nosso); e “abandonei minha Pátria, meu Pai, de quem eu era o único conforto, o seu Ídolo [...]” (p. 46, grifo nosso).

“Laço” também apresentou variação distintiva: ao se referir à amizade, foi grafada com maiúscula e nos demais casos, com minúscula: “onde os Magos, com quem vivo nos mais estreitos *Laços* d’Amizade, quiseram ter a bondade de escolher-me por seu Chefe” (p. 54, grifo nosso); e “Os meus *laços* estavam todos dissolvidos” (p. 47, grifo nosso).

Referindo-se à amizade, “Louvores” também foi grafada com maiúscula em sua única ocorrência no texto: “Filha do Céu, Amizade, / Tu mereces meus *Louvores* [...]” (p. 55, grifo nosso).

### 3.3 Discussão dos resultados

Houve algumas palavras que apresentaram oscilação (ora escritas com inicial maiúscula, ora com minúscula), mas não foi possível identificar o motivo, nem classificá-las em alguma das funções: estruturante ou semânticas. Embora existam esses casos que não foram passíveis de classificação em nenhuma das propostas de Meier (1948), a maior parte das ocorrências da letra maiúscula foi classificada na função estruturante ou na semântica. Excluindo-se as palavras na função estruturante, contabilizaram-se 295 ocorrências de palavras com inicial maiúscula no texto. Destas, 270 foram classificadas em uma das funções semânticas: individualizadora, hierarquizadora ou distintiva, e apenas 25 não foram encaixadas em nenhuma das funções semânticas – oscilações não explicadas. Ou seja, 91,52% foram classificadas e apenas 8,48% não foram possíveis de classificar<sup>6</sup>.

6 Na contagem das ocorrências, considerou-se apenas o lexema, não as lexias. Exemplo: a palavra “Rainha” apareceu diversas vezes, grafada com inicial maiúscula, mas foi contabilizada apenas como uma ocorrência no campo semântico em que foi classificada.

Esses dados demonstram que as letras maiúsculas exerciam, nesse texto literário do século XIX, funções métricas, sintáticas e semânticas. As duas primeiras – designadas por Meier (1948) de estruturantes – foram categóricas, já que a maiúscula foi usada nos seguintes contextos: 1) para delimitar os versos dos poemas que aparecem na novela; 2) após a pontuação, para marcar início de frases e de períodos no texto. A terceira – semântica, dividida por Meier (1948) entre individualizadora, hierarquizadora e distintiva –, está ligada aos grandes temas da novela: política, moral, filosofia, amor e amizade.

A função individualizadora, que distingue o caráter individualizador do nome do caráter generalizante do substantivo, apresentou uso quase categórico, já que todos os antropônimos, topônimos e similares do texto são grafados com inicial maiúscula. Alguns substantivos, ligados ao campo semântico das ciências, da nobreza e dos sentimentos, foram grafados com maiúscula, fato que, junto ao contexto de ocorrência, indicava a personificação dos referentes, como “Amor” e “Amizade”. Esse processo de individualização do substantivo ocorreu apenas com palavras ligadas às temáticas principais da novela. Por sua vez, a função hierarquizadora tenta recriar a hierarquia social, embora apresente algumas oscilações, e na maioria das ocorrências demonstrou a relevância da política (inclui-se nesse campo a nobreza), da moral e da religião no texto, já que quase todas as palavras relacionadas foram escritas com inicial maiúscula. Por fim, a função distintiva, distingue alguns conceitos e nomes institucionais, a sua utilização também se relaciona aos temas principais da novela. A inicial maiúscula é utilizada para separar o adjetivo do nome (o último escrito com inicial maiúscula), documentos oficiais dos não oficiais (como “Aviso” gênero público, de “aviso”, informação, notícia) e também para destacar conotações positivas de negativas, abrangendo palavras ligadas ao campo semântico das principais temáticas que perpassam o texto.

#### 4 CONCLUSÃO

Este estudo descreveu e analisou o uso de letras maiúsculas na primeira novela publicada no Brasil – *Statira, e Zoroastes* (1826), de Lucas José d’Alvarenga. Para isso, utilizou-se como referencial teórico-metodológico um ensaio de Meier (1948) sobre as letras maiúsculas, no qual demonstra que, embora a Linguística e a Filologia muitas vezes deixem esse tema de lado, limitando sua importância a sinal fonético em escritas antigas, a

maiúscula também exerce funções sintática e semântica. A partir disso, o autor as classifica em estruturante sintático-métrico, individualizadora, hierarquizadora e distintiva.

Ao analisar a referida novela, aplicando a concepção e a classificação de Meier (1948), constatou-se que nesse texto, do início do século XIX, o uso das maiúsculas vai muito além da questão gráfica, pois exerce funções métricas, sintáticas e semânticas, como demonstrado nos itens anteriores. Mais do que isso, os dados demonstraram que o uso da inicial maiúscula está relacionado aos grandes temas da novela: política (incluindo nobreza e guerra), moral, filosofia e sentimento. Considerando que, para Alvarenga (1826), a novela é um gênero que deve educar deleitando, infere-se que o destaque dado a palavras desses campos semânticos tenha a função de chamar a atenção do leitor para os mencionados assuntos, evidentemente relevantes no texto. Em síntese, entende-se que o resultado desta pesquisa contribui para o melhor entendimento do uso das letras maiúsculas em textos literários do início do século XIX e ajuda a esclarecer a relação entre língua, aspectos gráficos e literários nesse período.

## REFERÊNCIAS

Academia Brasileira de Letras. Vocabulário ortográfico da língua portuguesa. 5.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Global; 2009.

Alvarenga IJ. Statira, e Zoroastes. Rio de Janeiro: Plancher; 1826.

Calmon P. Prefácio. In: Secretaria da Câmara dos Deputados. Falas do trono: desde o ano de 1823 até o ano de 1889. São Paulo: Melhoramentos; 1977.

Cambraia CN. Introdução à crítica textual. São Paulo: Martins Fontes; 2005.

Candido A. Formação da literatura brasileira: momentos decisivos. 6.<sup>a</sup> ed. Belo Horizonte: Itatiaia; 2000. 2 vol.

Cunha AG. Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa. 2.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1997.

Houaiss A. Elementos de bibliologia. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro; 1967. Vol. 1.

Houaiss A, Villar MS. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva; 2009.

Meier H. Ensaios de filologia românica. Lisboa: Revista de Portugal; 1948.

Niklas-Salminen A. La lexicologie. Paris: Armand Colin; 1997.

Oliveira GI. Estudo do vocabulário do vestuário em documentos setecentistas de Minas Gerais. [Dissertação]. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais; 2010.

Oliveira GI. Edição e estudo da novela *Statira, e Zoroastes*, de Lucas José d'Alvarenga. [Tese]. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras; 2016.

Perini, MA. Para uma nova gramática do português. 10.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Ática; 2005.

Sousa OT. A vida de D. Pedro I. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército; 1972. Vol. 2.

Viana H. Letras imperiais. Brasília, DF: Ministério da Educação e Cultura; 1943.